



Não sou mau com as mulheres.  
Beijo, lambo, mordo, xingo, aperto, meto, puxo os cabelos e  
dou muito tapa.  
Gosto de bater.  
Bato na bunda.  
Bato na cara.  
Bato com o pau.  
Gosto de amarrá-las na cama.  
Mas se sou desse jeito, é porque elas me querem assim.  
E as mulheres que não querem, não me interessam.  
São as mulheres certinhas, comportadas, recatadas.  
Mulheres fiéis que casaram virgens e têm medo de orgasmo.  
Fiéis aos maridos e infiéis a si próprias.  
Aliás, muitas nunca gozaram mesmo.  
Fingem que gozam, como as putas fazem, para não criar problema.  
Perfeitas infelizes.  
São indiferentes ao pênis, ou quase isso.

Daquele tipo de mulher que, quando segura o pênis do cara, parece que está usando uma luva de boxe.

Dou preferência à mulher casada, porque ela tem tudo a perder. Destrincho as vaginas subaproveitadas de esposas quase intocadas por maridos quase brochas.

O meu ideal é a mulher liberada pelo marido.

Mulheres que têm liberdade para ter um amante, um namorado mesmo.

Carentes, comprometidas, perdidas, desprendidas e emancipadas sexualmente.

Não pego mulher de classe social inferior.

Nada contra, mas é que acho que não dá certo mesmo.

Não é só na cama que a coisa tem que ser boa. Tem as preliminares, e existe todo um “depois” que também precisa ser bom.

Procuro sexo sem compromisso.

Sexo apaixonado.

Quero satisfazer à fêmea.

O prazer dela é o meu prazer.

É a minha meta.

É um *slogan*, um mantra.

O meu desejo é enlouquecê-las.

Se estiver fodendo, vou foder mesmo.

Vou fundo. Lá no fundo, onde cabem os sonhos e as fantasias.

Vou falar sobre o que estou fazendo, curtindo cada momento do que faço. E fazendo cada vez melhor as coisas que quero fazer.

Estou cada vez mais feliz assim desse jeito.

Antes, eu ficava esperando a minha mulher chegar em casa.

Agora, faço tudo para elas custarem a chegar em casa. Como se isto fizesse parte de uma vingança pessoal.

Eu sei direitinho como isso tudo começou.  
Foi naquela estranha sexta-feira, no dia da volta da Bel.  
Ela estava numa viagem espiritual pela Índia. Ficou passeando por lá durante um mês, estava obcecada há tempos por certa religião. Bloqueei o nome dessa religião de merda. Mas é uma derivação do budismo. Um budismo para ricos ocidentais em busca de aventuras transcendentais.  
Fui buscá-la no aeroporto.  
Estava cheio de saudade e doido para transar com ela o mais rápido possível.  
E quando ela desembarcou, olho no olho, vi que era outra mulher. Estava com um olhar impenetrável. Uma camada de alguma coisa invisível tornava sem brilho o olhar da minha mulher. Era como se houvesse um véu entre ela e o mundo.

Bel vestia roupas coloridas e folgadas, e seu cabelo parecia que tinha crescido além do normal para tão pouco tempo.  
Havia um ponto redondo roxo na sua testa.  
Estava linda, apesar de totalmente diferente da mulher que embarcou.  
Seus olhos aparentavam ter mudado de cor. Estavam mais para verde.  
O olhar estava diferente, meio enevoado, sem viço.  
Ela parecia excessivamente segura, e evitou meus lábios quando fui beijá-la. Já no carro, começou a me falar que ia precisar ficar um ano sob um rigoroso jejum sexual.  
“Você não me ama mais, Bel?” A pergunta era imbecil. Afinal, era óbvio que ela estava ensaiando um rompimento comigo.  
“Claro que te amo, meu bem..., só estou querendo que você entenda o meu momento de vida.” Estava muito calma e eloqüente.  
“O que é isso roxo na sua testa? É uma tatuagem?” Tentei mostrar interesse. Sentia-a totalmente mergulhada em alguma coisa que eu não compreendia naquele momento.  
“Esta é uma das cinco tatuagens que fiz no meu corpo durante a viagem.” Ela falou isso sem sequer olhar para mim. Ela sabe do meu preconceito contra tatuagem. Estava me dizendo nas entrelinhas “olha como eu não sou mais a mulher que você ama”.

Chegamos em casa e, assim que o Fonfon percebeu a presença dela, começou a urinar no chão de tanta felicidade.

Fonfon é um cão Basset completamente mimado pela Bel.

Ela o ama. Ele a ama. Eu cago para ele. E, lógico, ele caga solenemente para mim.

Ele baba ela toda, e isso não a incomoda em nada.

Sempre tive ciúmes daquele cachorro de merda.

Depois de se lambuzar inteira com as lambidas do Fonfon, Bel começou a desfazer as malas e a me contar alguns detalhes da tal viagem espiritual. Ela me trouxe de presente uma arvorezinha miniatura.

“O nome é bonsai. Uma planta de origem japonesa. É de um espécime raro, viu? Só dá lá nas montanhas do Nepal.”

A conversa toda culminou com ela pedindo para eu ir embora porque, se eu ficasse lá, seria difícil para ela seguir seu jejum. Incrível foi escutar aquilo e conseguir disfarçar o meu sofrimento. Algo de mim morria ali.

Bel disse que eu era um homem maravilhoso, mas que a tirava do seu eixo.

Ela precisava ficar um ano sem nenhum tipo de sexo ou prazer sexual.

Em suma, estava me dizendo que eu só servia para foder. E, agora, não queria mais estar casada.

Bel estava me dispensando; nunca uma mulher havia feito isso antes. Éramos fiéis e tínhamos uma vida estável.

Ela me tirava sempre do fundo e me trazia para a superfície do mundo. Talvez por isso eu ame essa mulher até hoje.

Ela disse que o sexo atrapalharia seu processo de purificação.

Estava meio pirada fazia tempo. Mas eu não esperava por aquilo. Achei que era só uma fase.

Primeiro parou de comer carne, depois parou de fumar e de beber. Logo ela, que adorava vinho.

Acordava às cinco da manhã para orar em frente àquele altarzinho que ela mandou fazer todo decorado com adornos indianos.

Um dia, acordei bem cedo e vi esta cena patética dela absorta, orando feito uma idiota no altarzinho ridículo. Ela nem perce-

beu que eu a vi, porque, na verdade, ela pouco se importaria. Estava cega pela crença.

Passou a usar calças mais largas que escondiam a bunda linda que tem. Começou a pintar cada cômodo da casa de uma cor diferente.

Adicionou uma letra ao seu nome e passou a assinar Isabell, com dois eles.

E agora isso.

Não foi porque o apartamento era dela que resolvi ir embora naquela mesma noite. Mas, é claro que isso influenciou minha decisão de partir o quanto antes.

Já ouvi falar de diversas histórias de maridos que se negam a sair de casa quando o casal se separa e a casa é de propriedade da mulher.

Não quero ser mais um desses que se negam a ir embora e viram um pentelho na vida da mulher.

Pelo contrário, tratei de ir embora logo.

Arrumei uma mala com peças de roupas incombináveis.

Não conseguia pensar no que eu ia precisar nos dias imediatos. Estava atônito.

Sem rumo.

Sentia como se o chão estivesse sendo arrancado de mim.

Combinei de passar lá na segunda-feira para pegar o restante de minhas coisas. Havia de caber tudo numa Kombi.

Tentei dar um beijinho na boca da Bel na hora de me despedir, mas ela se esquivou. Era como se eu estivesse nu e ela vestida, tal era a nossa falta de sincronia naquele momento.

“Se cuida, meu amor, e só rega o bonsai no xaxim, nunca nas folhas e nem no tronco, tá? O ideal é que o bonsai pegue as primeiras horas de sol do dia, pelo menos uma vez por semana... É para te dar sorte e te proteger. Cuida bem dele e se cuida também. Eu te amo, viu?”, disse Bel, com os olhos submersos em lágrimas.

O importante daquela despedida não era a ausência anunciada, e, sim, a eterna presença que seria sentida.

Carreguei o raio da arvorezinha comigo.

Estava arrasado.

Como duas pessoas que se amam conseguem se separar?

Será que eu deveria ter insistido com ela, chorado ou argumentado mais?

É bem verdade que não dava para continuar aquele relacionamento sem sexo. Existem casamentos que duram a vida inteira, sem os cônjuges se encostarem. Mas a Bel não é o tipo de mulher com quem se consegue viver sem sexo. Ela tem o corpo perfeito, é charmosa e atíça a libido de qualquer homem.

“Eu sou um homem livre!”, gritei dentro do elevador, enquanto descia com o bonsai e a mala.

Estava transtornado, meu grito foi de desespero, e não de alegria por estar solteiro outra vez.

Deixei meu corpo balançar num movimento qualquer, sem ritmo, como numa dança sem música.

Queria me imbuir de uma alegria que, na realidade, era totalmente artificial.

Não sei como, mas bati com a cabeça em uma das paredes do elevador.

Estava a ponto de chorar, e não chorei. Nem quando a minha mãe morreu consegui chorar.

Sentei no meio-fio da rua.

Eu era um homem em pedaços.

Queria morrer naquele momento.

Pensei em tomar um porre para esquecer tudo.

Mas aí mesmo é que a minha vida se transformaria num inferno.

Fui para a casa da minha irmã.

Não tinha dinheiro para hotel, e o meu apartamento estava ocupado por um casal de amigos.

Eles pagavam o aluguel regularmente e não enchiam o saco.

Não tínhamos nenhum tipo de contrato formal.

Eu estava sem jeito de pedir o apartamento de volta, mas não tinha outro jeito.

Enquanto eu não soubesse o que fazer, iria ficar na casa da minha irmã.

Precisava definir quando eles sairiam, o casal amigo.

Mas eu me sentia como que engessado, deprimido, não sabia como sair daquele buraco em que estava entrando.

A sorte é ter a minha irmã.

A questão naquele momento era:

Será que eu conseguiria viver sem a Bel?

Não sabia o que fazer para consertar o que se quebrara dentro de mim.

Muitos dias se passaram, sem que eu, deprimido, esboçasse a menor reação.

Minha irmã, que não é médica, me receitou Clonazepam para regular o meu humor. Eu andava sempre com um vidro daquilo no bolso.

Tomava aquilo o dia todo, de três em três gotas, que eu pingava cuidadosamente nas costas da minha mão e lambia.

Já estava até começando a gostar do gosto amargo daquela merda.

Será que o amor todo que eu sentia pela Bel poderia ser deslocado para outra pessoa? Seria possível, simplesmente, transferir todo o amor que eu despejava nela para outra mulher?

Na rua, andando em Ipanema, olhava para as mulheres, tentando captar algum sinal, alguma pista, uma dica de qual caminho seguir. Como se alguma mulher, do nada, fosse me parar e me adotar como um cachorrinho de raça abandonado, sem coleira, na rua.

Nenhuma das mulheres que eu via passando entendeu o meu apelo platônico. Na verdade, acho que nenhuma mulher olhava para mim.

Eu devia estar invisível ou com uma aparência repugnante.

Perguntei as horas a uma mulher bonita que andava em sentido contrário ao meu, na Rua Maria Quitéria. Eu devia estar com cara de cachorro pidão.

Ela se mostrou um pouco assustada com a pergunta. Olhou para o relógio e não falou nada. Tentei ajudá-la:

“Meio-dia?”

Ela concordou com a cabeça, sem emitir um som sequer. Estava visivelmente com medo de mim. Pelo menos eu sabia que estava com uma cara assustadora.

Sempre que estou com a barba por fazer, fico com cara de mau.

Até que, num desses péssimos dias, no meio da madrugada, me levantei da cama como um sonâmbulo, suando muito, me dirigi ao banheiro, acendi a luz e tranquei a porta.

Devia ser bem tarde. E, naquele momento, fiz um juramento para mim mesmo diante do espelho do banheiro da casa da minha irmã.

Falei solenemente, olhando em meus próprios olhos, como se o sujeito ali, no reflexo, fosse outra pessoa, a quem eu devesse explicações.

E, enfático, disse em voz alta:

“Jamais irei me casar outra vez, e nem namorar. Agora quero só sexo.” Falei isso, e vi a imagem no espelho com estranhamento.

E, como que desprendido de meu próprio reflexo, observei a minha boca do espelho se abrir e a língua percorrer os lábios num movimento circular, lento e sensual.

Pude perceber um lado meu meio sacana. A face escura da minha lua.

Sorri um sorriso sutil, sem dentes. Os olhos em brasa.

Eu não sabia, mas uma transformação estava se processando em mim.

Não queria mais ser surpreendido.

Tudo para não sofrer mais a dor de uma separação.

Apenas isso.

Tinha medo de me sentir frágil, exposto, afinal, nunca ficara sozinho. Mas ia ser bom não ter que dar explicações a mais ninguém.